



## **A BRUXA (*THE WITCH*, DE ROBERT EGGERS, 2015) COMO ALEGORIA DO DISCURSO FEMINISTA: UMA LEITURA DA NARRATIVA FÍLMICA ATRAVÉS DA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA**

Paulo Ricardo Ferreira Pereira; Davi Ferreira Alves da Nóbrega; Sinara de Oliveira Branco.

*Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); paulobtw@live.com; daveletras98@gmail.com; sinarabranco@gmail.com*

**Resumo:** As narrativas fílmicas constituem-se como reflexo do contexto social e cultural em que foram produzidas e circuladas. Diante disto, neste trabalho, propomo-nos a analisar a representação imagética e verbal do discurso feminista no filme *The Witch*, de Robert Eggers (2015), que legitima essa interpretação em decorrência do contexto de circulação da narrativa fílmica e de sua representação, através de considerações sobre a tradução intersemiótica, bem como das legendas associadas às imagens. Metodologicamente, alicerçamo-nos em uma abordagem qualitativa de natureza descritiva e interpretativa. À luz de nosso aporte teórico e através da seleção de imagens e cenas do filme e de suas legendas, verificamos que há uma construção sógnica, tanto verbal como visual, que promove o discurso feminista através da personagem Thomasin, sobretudo nas cenas finais do longa-metragem, as quais culminam com a iniciação da personagem ao *coven*. Essa representação pauta-se na imagem construída da bruxa que nomeia a ficção de horror dirigida por Eggers (2015), que se assemelha ao signo do monstro descrito por Bellei (2000): uma criatura a viver na ou além da fronteira que delimita o que é convencionalizado como humano, a transitar entre a convenção e a transgressão. Através das lentes da enunciação cinematográfica e tradutória, assistimos à mulher, ao percorrer os caminhos da bruxaria, tornar-se um ser em fronteira. Nessa direção, a representação da bruxa se alinha com a condição da mulher feminista ao passo em que esta questiona os padrões de gênero e desconstrói, através de sua vivência, a ordem estabelecida em sua comunidade social.

**Palavras-chave:** Feminismo, Cinema, Semiótica, Tradução Intersemiótica, Representação.

### **Introdução**

As narrativas fílmicas, em sua maioria, constituem-se como reflexo do contexto social e cultural em que foram produzidas e circuladas, uma vez que nenhum filme está isento desse condicionamento promovido socioculturalmente (CASTRO, 2015; LEBEL, 1972). Caminhando nessa direção, Kellner (2016, p.15, grifos do autor) apresenta a perspectiva diagnóstica de leitura fílmica, para a qual “os filmes fornecem importantes *insights* dentro da composição psicológica, sociopolítica, e ideológica de uma sociedade e cultura em um determinado ponto da história.”

Em nosso trabalho, afiliamo-nos a essa perspectiva na medida em que concebemos esta leitura a partir do contexto de produção e circulação da narrativa fílmica, que foram marcados pelos movimentos feministas universalmente. Reconhecemos, para tanto, que a nossa leitura interpretativo-analítica está fundamentada e movimenta conceitos pertencentes aos campos social, cultural e ideológico. Nessa direção, compreendemos que:

Ler filmes diagnosticamente permite-nos extrair *insights* sobre problemas e conflitos sociais, avaliar os problemas e as crises sociopolíticas dominantes, medos e esperanças, conflitos ideológicos e políticos do momento contemporâneo. Esta





abordagem envolve uma dialética de texto e contexto, utilizando textos para ler realidades sociais e contexto para ajudar a situar e interpretar filmes essenciais da época. (KELLNER, 2016, p.15, grifos do autor)

É diante desse cenário que, neste trabalho, propomo-nos a analisar a representação imagética e verbal do discurso feminista no filme *The Witch*, de Robert Eggers (2015), que legitima essa interpretação em decorrência do contexto de circulação da narrativa fílmica e de sua representação, através de considerações sobre a tradução intersemiótica, bem como das legendas associadas às imagens. Para tanto, concebemos como objetivo geral: analisar a representação do sujeito mulher por meio da construção sógnica da bruxa na narrativa fílmica referida. Para isso, emergem-se como objetos específicos: a) traçar uma relação entre a representação da mulher no longa-metragem com a condição feminina retratada na sociedade judaico-cristã; b) refletir sobre a construção da personagem Thomasin na obra em análise, paralelamente ao contexto de produção e circulação da narrativa fílmica.

Este estudo justifica-se devido à contribuição para o processo de leitura fílmica, especificamente no que se refere à compreensão dessa leitura enquanto prática situada socioculturalmente, que movimenta, também, conceitos referentes ao campo ideológico. Com isso, reconhecemos que as obras fílmicas são configuradas e constituídas por discursos (FELIPE e TERUYA, 2015). Destacamos, ainda, que esta leitura não limita e nem deslegitima as interpretações outras promovidas pela narrativa fílmica adotada.

Para respondermos a estes questionamentos, alicerçamo-nos, como aporte teórico, nas contribuições de Aumont e Marie (2004), Santaella (2005), Beauvoir (1960), Pignatari (2004), Gaudreault e Jost (2009), Castro (2015), Branco (2015), Bellei (2000), Kellner (2016), Rodrigues (2017), dentre outros.

## Metodologia

Metodologicamente, este estudo classifica-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa de natureza descritivo-interpretativa (MINAYO, 1995). Essa pesquisa descritivo-interpretativa busca:

a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, a valoração e a indução em lugar da dedução, assume que fator e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador. (ANDRÉ, 1995, p.17)





Fundamentando-nos nessa abordagem qualitativa e selecionando uma produção fílmica como objeto de estudo, reconhecemos esta pesquisa também como documental, para a qual o objeto escolhido constitui fonte preciosa para os pesquisadores (SEVERINO, 2016); Nesse sentido, em nosso estudo, dedicamo-nos à versão disponível no serviço de *streaming* Netflix, tendo em vista tanto a popularidade como os impactos exercidos por esse serviço, que teve a sua tradução e legendagem elaboradas por Cecilia Bedin (2018).

O filme *A Bruxa* (do inglês *The Witch*, estilizado como *The VVitch*), que constitui foco deste estudo, foi lançado em 2015 no Festival de Cinema de Londres, mas chega aos cinemas brasileiros em 2016. A história do filme, cujo gênero se enquadra no terror – especificamente, o psicológico – nos é apresentada como:

Nova Inglaterra, ano de 1630. William e Katherine levam uma vida cristã com suas cinco crianças, morando à beira de um deserto intransitável. Quando o filho recém nascido deles desaparece e a colheita falha, a família se transforma em outra. Por trás de seus piores medos, um mal sobrenatural se esconde no bosque ao lado. (DANIUS, 2014, p.1)

Essa é a apresentação sinóptica divulgada no site *Fimow*, a qual foi cadastrada por Danius (2014). Nessa sinopse, somos apresentados ao espaço-tempo em que se passa a narrativa: Nova Inglaterra e o ano de 1630, bem como a dois personagens – William (interpretado pelo ator Ralph Ineson) e Katherine (interpretada pela atriz Kate Dickie), que vivem, de acordo com os preceitos cristãos, com os seus cinco filhos. Neste estudo, focalizamos a nossa análise a partir da personagem Thomasin (interpretada pela atriz Anya Taylor-Joy), cuja relação com os pais torna-se conflituosa após os acontecimentos referidos (DANIUS, 2014), tendo em vista a importância da perspectiva e da construção dessa personagem para a compreensão da leitura aqui promovida.

Como procedimentos de análise, delimitamos algumas etapas:

1) A exibição do filme;

Esse momento foi marcado pelas leituras impressionistas;

2) Identificação e organização das cenas a ser utilizadas como dados;

Após as primeiras leituras, selecionamos e articulamos as cenas com o intuito de deprendermos este discurso feminista;

3) Análise do *corpus* à luz dos objetivos (geral e específicos) propostos.

Por fim, após a articulação e a organização das cenas selecionadas, retornamos aos nossos objetivos (geral e específicos) com o intuito de respondê-los.







## Resultados e Discussão

A construção da personagem Thomasin na narrativa fílmica analisa é centrada em conflitos entre o ser feminino e os discursos falocêntricos que regem o ideário da sociedade judaico-cristã. Filha mais velha de uma família cristã protestante, em período de colonização dos Estados Unidos, a personagem transita da adolescência para a idade adulta na condição de subserviência submetida ao sexo feminino, um segundo sexo, e abordada por Simone de Beauvoir (1960). A representação que Thomasin dá significado é a da mulher jovem, já submetida a uma educação voltada à reprodução dos modelos de comportamento estabelecidos em sua sociedade, neste caso, o modelo mariano de mulher.

Logo nas primeiras cenas do longa-metragem, nas quais acompanhamos a expulsão da família para longe do povoado em que moravam (1:30-3:13) e as orações de Thomasin (5:14 -5:35), a personagem se encontra em constante julgamento por seu pensamento e comportamento. Na primeira cena destacada (Imagem 1), sua expressão ao olhar para os juízes da cidade destaca sua condição submissa ao julgamento dos homens, enquanto que na cena em que a personagem faz sua oração pedindo perdão por seus pecados, a mesma expressão denota a submissão ao julgamento divino de tudo aquilo que ela faz e pensa. Lê-se na legenda de sua fala, em consonância com o texto não-verbal: “Confesso que vivi em pecado” (Imagem 2). A partir do diálogo entre imagem e texto, a narrativa fílmica evidencia uma representação de mulher em busca da obediência ao padrão purista cristalizada no discurso judaico-cristão, que se vê indissociavelmente enquanto pecadora e está cercada por olhares vigilantes prontos a puni-la pela subversão da moral estabelecida.

Imagem 1



Fonte: Netflix (2018)

Imagem 2





Fonte: Netflix (2018)

No desenvolvimento do enredo, percebe-se que a personagem Katherine, a mãe de Thomasin (interpretada pela atriz Kate Dickie) é construída como a principal agente responsável por julgar e guiar severamente a filha Thomasin pelo caminho modular estabelecido em sua cultura. Neste caso, a mãe é concebida como uma figura doméstica cujo papel deve ser de o de manter a ordem dentro da educação direcionada pelo discurso da religião: os homens então são educados como trabalhadores encarcerados a jornada cotidiana em buscar de manter seus lares e as mulheres se tornam desde cedo cuidadoras que perpetuam historicamente este sistema de papéis. Toda subversão desta perspectiva inscrita no devir da sociedade judaico-cristã é signo de pecado.

Enquanto que o filho mais velho do casal, Caleb (vivido pelo ator Harvey Scrimshaw) deve auxiliar seu pai no cotidiano de trabalho, é dada a Thomasin a atividade de cuidar de seu irmão recém-nascido, Samuel. Quando Samuel desaparece perto da floresta vizinha a que a família vive, em uma brincadeira de Thomasin, a melancolia da mãe se converte em violência contra a personagem que falha em sua responsabilidade de vigiá-lo. É a partir daí que a atmosfera da narrativa dirigida por Eggers ganha intensidade em sua forma de ficção de horror, pois ao acompanhar o enredo sob o foco narrativo direcionado a Thomasin, o espectador do longa imerge no pesadelo vivido pela personagem. Na cena (27:02 – 30:02) que acompanha um jantar da família, vê-se o tratamento de Katherine para com Thomasin reforçar o silenciamento no qual a personagem vive (Imagem 3).

Imagem 3





Fonte: Netflix (2018)

A mãe é a figura que rege o poder da fala de Thomasin e, como podemos em uma cena (42:33 – 44:18) na qual Katherine interroga sua filha a respeito do desaparecimento de Caleb (Imagem 4), o direito à linguagem é restringido em favor do constante julgamento em que Thomasin vive.

Imagem 4



Fonte: Netflix (2018)

É possível perceber uma boa obra de terror pelo tratamento que ela dá aos seus horrores. São estas histórias, cujos elementos da composição estão mais próximos da arte de narrar do que do ato de informar, - o que Walter Benjamin (1994) chama de a sabedoria dos verdadeiros narradores - que se impregnam na imaginação de seus leitores, levando-os aos arrepios antes, durante e após o contato com a ficção.

O terror da narrativa de *The Witch* (2015) difere de atmosferas mais expositivas presentes em obras cujos objetivos se dedicam menos a construir tensão em volta da relação entre os personagens e o espaço e a produzir significados a partir dela do que levar seus espectadores aos sustos. Em análise do cinema contemporâneo do gênero, o longa se encontra mais próximo de obras



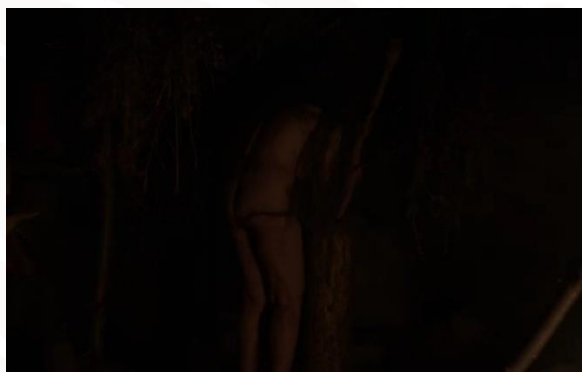




como *A Bruxa de Blair* (1999), do que dos consagrados filmes no universo de *The Conjuring* (2013), algo que se deve sobretudo à maneira como nos conduz até seu monstro: a bruxa.

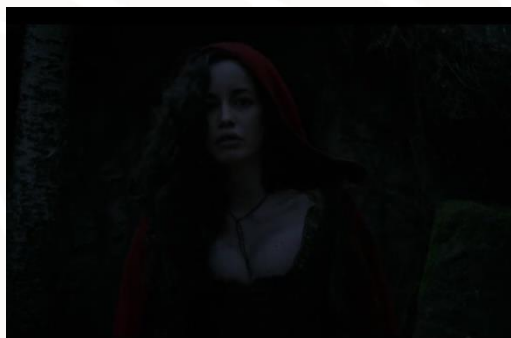
Entendemos a representação do monstro como é concebida por Bellei (2000), um ser que se distancia das convenções, sobretudo estéticas, estabelecidas pelas culturas humanas. A bruxa se situa na arte contemporânea ora a partir de suas representações tradicionais, que ilustram o arquétipo de uma mulher velha e odiosa, ora em ressignificação de sua posição vilanesca de filmes horror ao pensá-la como símbolo de libertação dos padrões estabelecidos à mulher. A bruxa concebida pelo longa dirigido por Eggers é um signo que se encontra transversal nestas duas representações comuns, construído menos pelas imagens da obra cinematográfica do que pela subjetividade de seus espectadores. Vê-se a bruxa em uma cena nos primeiros minutos do longa (8:00 – 9:55) como um monstro bárbaro e sua forma conduz a lermos sua representação como criatura antagonista, uma ameaça a ser combatida (Imagem 5). Ao longo da narrativa, em outra cena (40:50 – 42:35), a bruxa é vista então sob a segunda concepção, a de mulher que rompe com o padrão em busca de sua liberdade ideológica e sexual, que então se mistura a representação de monstruosidade (Imagem 6).

Imagem 5



Fonte: Netflix (2018)

Imagem 6





Fonte: Netflix (2018)

Nesta direção, as personagens construídas pela narrativa fílmica provocam uma ruptura com o maniqueísmo comum ao discurso judaico-cristão. Este efeito se dá tanto pela fotografia escura e cinzenta que perpassa todo o longa quanto pelas reflexões que as falas dos personagens provocam. Em uma cena durante o primeiro ato do longa (12:02 – 13:36), vemos no diálogo sob o céu nublado da manhã entre William (interpretado por Ralph Inelson) e seu filho Caleb, o pai da família dizer “Não é fácil se levantar num dia cinzento” (Imagem 7). A frase traduz verbalmente a complexa atmosfera que o diretor Robert Eggers dá ao seu longa: na narrativa não há a pura luz, nem as diabólicas trevas, apenas o cinza, metáfora que dá significado à natureza do ser humano. A complexidade desta ideia traz profundidade ao pesadelo vivido por Thomasin, que vive este cinza materializado nos conflitos de sua condição feminina (Imagem 8).

Imagem 7



Fonte: Netflix (2018)

Imagem 8







Fonte: Netflix (2018)

Quando na cena (1:17:30 – 1:20:55) do último ato o conflito entre Thomasin e sua mãe se conclui com o assassinato de Katherine, a fotografia cinzenta traduz o ápice do conflito feminino que a personagem passa (Imagem 9). As imagens que compõem o final do longa mostram a passagem de Thomasin pelos sacrifícios de sua busca por libertar-se dos padrões que lhe foram impostos. Lemos a cena representada na Imagem 10 como sua revolta contra o discurso judaico-cristão, ao oferecer sua alma ao bode *Black Philip*, e contestar a falta de identidade que lhe foi submetida: “Não sei escrever meu nome”.

Imagem 9



Fonte: Netflix (2018)

Imagem 10



Fonte: Netflix (2018)

A cena (1:26:20 – 1:28:40) que conclui o longa-metragem mostra a reunião de Thomasin com o grupo de bruxas, o *coven*, e é a suas imagens denotam o encontro feminino entre a luz emanando do fogo e a escuridão que o cerca (Imagem 11). Em meio a este cenário no qual as





bruxas, na nudez de sua liberdade sexual, voam, é que a personagem encontra sua identidade liberta. Neste sentido, as bruxas se configuram como representações da ruptura feminista com os padrões falocêntricos impostos.

Imagem 11



Fonte: Netflix (2018)

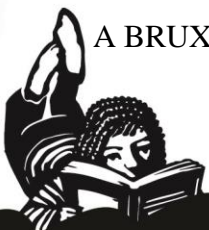
## Conclusões

Foi objetivo de este trabalho analisar a representação da mulher por meio da construção sógnica da bruxa no filme *The Witch*, de Robert Eggers (2015). Para tanto, elegemos como objetivos específicos: a) traçar uma relação entre a representação da mulher no longa-metragem com a condição feminina retratada na sociedade judaico-cristã; b) refletir sobre a construção da personagem Thomasin na obra em análise, paralelamente ao contexto de produção e circulação da narrativa fílmica. Para isso, apoiamos-nos na perspectiva diagnóstica (KELLNER, 2015) de leitura fílmica, bem como nas considerações de autores do campo da intersemiótica e da tradução e legendagem, especificamente.

Percebemos, por meio da análise do *corpus*, que há um alinhamento da bruxa como alegoria ao discurso feminista, que decorre, sobretudo, por meio do contato de produção e circulação do longa-metragem. Nessa direção, a representação da bruxa se alinha com a condição da mulher feminista ao passo em que esta questiona os padrões de gênero e desconstrói, através de sua vivência, a ordem estabelecida em sua comunidade social. Diante dessas considerações finais, reiteramos que esta leitura não limita e nem deslegitima as interpretações outras promovidas pela narrativa fílmica adotada.

## Ficha técnica de filmes

A BRUXA de Blair. Direção Daniel Myrick; Eduardo Sanches. Produção: Gregg





# VII ENLIJE

Hale; Robin Cowie. Estados Unidos. Haxan Films, 1999.

THE Conjuring. Direção: James Wan. Produção: Tony DeRosa-Grund, Peter Safran, Rob Cowan James Wan. Estados Unidos: New Line Cinema, The Safran Company, Evergreen Media Group, 2013, cor, 112 min.

THE Witch. Direção: Robert Eggers. Produção: Lars Knudsen, Rodrigo Teixeira, Jay Van Hoy, Jodi Redmond, Daniel Bekerman. Estados Unidos, Canadá e Reino Unido: Parts and Labor, Rooks Nest Entertainment, RT Features, 2015, Netflix. Disponível em: <<https://www.netflix.com/>>. Acesso em: 27 agosto 2018.

## Referências

A BRUXA (FILME). In: WIKIPÉDIA, *a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

AUMONT, Jacques. MARIE, Michel. *A Análise do Filme*. Rio de Janeiro: Texto e Grafia. 2010.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *Monstros, índios e canibais: Ensaio de crítica literária e cultural*. Florianópolis: Insular, 2000.

BELLIN, Greicy Pinto. *A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem*. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz>>. Acesso em: 26 maio 2016.

BRANCO, S. O. Tradução Intersemiótica: O Verbal e o Não Verbal em Congruência. In: BRANCO, S. O. PINHEIRO-MARIZ, Josilene. *Estudos em linguagens, discurso e tradução - VIII Seminário nacional sobre ensino de língua materna e estrangeira e de literatura i simpósio internacional de estudos em linguagens*. Campina Grande: EDUFCG, 2015.

CASTRO, Marcos Roberto. A Contribuição da Semiótica para a Leitura das Obras Cinematográficas. *Revista Livre de Cinema*, v.2, n. 1, jan/abr, 2015, p. 19-29.

DANIUS, Gabriel. *A bruxa – Cadastro do filme*. Disponível em: <<https://filmow.com/>>. Acesso em: 28 agosto 2018.

EGGERS, Robert. *A bruxa*. Disponível em: <[www.netflix.com.br](http://www.netflix.com.br)>. Acesso em: 27 agosto 2018.

FELIPE, Delton Aparecido. TERUYA, Teresa Kazuko. A narrativa fílmica como prática cultural em sala de aula. *Espaço Plural*, Ano XVI, Nº 32, 1º Semestre 2015, p. 100-119.







# VII ENLIJE

GAUDREAU, André; JOST, François. *A narrativa cinematográfica*. Brasília: Editora UNB, 2009.

KELLNER, D. O apocalipse social no cinema contemporâneo de Hollywood. *Matrizes*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 13-28, Janeiro-Abril, 2016.

LEBEL, Jean-Patrick. *Cinema e Ideologia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1972.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica e Literatura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

RODRIGUES, K. S. A bruxaria em Håxan: provocações, clichês e terror na representação da mulher. In: Memórias e Invenções, 2018, Campinas. *Memórias e Invenções anais do 26º encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, 2017.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005.

SANTOS, Keila Meireles dos. *A construção social da mulher*. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com>>. Acesso em: 26 maio 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2016.

